



## O USO DA MÚSICA COMO LINGUAGEM PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

MONAQUELLY CARMO DE JESUS

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a música como uma linguagem para as aulas de História. A música tem um papel de destaque na história sociocultural, mobilizando paixões, especialmente nos jovens. Sendo assim, pode ser utilizada como uma outra linguagem no ensino. Utilizei a pesquisa bibliográfica para discutir porque a música pode e deve ser utilizada no ensino, na perspectiva da História Cultural. Através da leitura de estudiosos do Ensino de História, da História Cultural e da relação entre História e Música, como Abud, Chartier e Napolitano, proponho a utilização da música como fonte histórica que auxilia o aluno a construir o saber histórico, ao analisar tanto a letra quanto melodia, harmonia e o contexto em que foi produzida.

Apesar dos quase quinhentos anos desde a fundação da primeira escola no Brasil, ainda persistem no país os métodos tradicionais de ensino, e com o ensino de História não é diferente. Apego ao livro didático, aula centrada no professor e memorização dão a tônica do ensino de História no país. Este artigo visa apresentar a música como linguagem para as aulas de História.

A música é considerada uma das expressões artísticas mais antigas da humanidade. Estima-se que o primeiro instrumento musical date de aproximadamente 60.000 a.C. E até hoje a música continua tendo um papel de destaque na história sociocultural, especialmente no Brasil, berço dos mais variados estilos e gêneros musicais.

Com a invenção dos *smartphones*, ouvir música se tornou muito mais fácil, e principalmente os adolescentes têm utilizado essa tecnologia para ouvir música nas mais variadas ocasiões inclusive, em alguns casos, em sala de aula. Além disso, a música não é simplesmente um conjunto de sons de instrumentos musicais e palavras sem sentido, mas traz consigo os anseios, desejos e modos de vida da sociedade onde foi produzida. Dessa maneira ela é uma rica fonte de conhecimento a respeito da História do lugar onde foi produzida e divulgada que pode e deve ser utilizada no ensino de História

### O uso de diferentes métodos e linguagens

\* Universidade Federal de Sergipe, Mestranda em Ensino de História.



A necessidade de diferentes métodos de ensino se tornou objeto de discussão desde o final do século XIX, e partir de então, várias propostas surgiram, tanto criadas no Brasil como fora do país. Um exemplo é a dos métodos ativos, fundamentados em Herbart e Dewey, que incentivavam a participação dos alunos na aprendizagem. Essas “metodologias renovadas”, ou seja, aquelas que, paulatinamente, passaram a entender os alunos como eixo principal da atividade cognitiva, foram sendo introduzidas nos currículos de formação de professores primários nas Escolas Normais e posteriormente nas escolas (ZUCCI, 2009). Apesar disso, os métodos ativos eram mesclados com ensino enciclopédico, continuando assim a exigência de que alunos dominassem todo um extenso conteúdo.

Mas foi após a Revolução de 1930 que esses “novos” métodos foram mais discutidos e amplamente utilizados. Na esteira da abertura política e da organização de sindicatos que faziam pressão popular pela expansão da rede oficial de ensino, foi assinado o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, em 1932. O Manifesto, assinado por importantes figuras da educação brasileira como Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e Lourenço Filho, cobrava do governo melhoras no ensino e o abandono dos métodos tradicionais e a utilização de métodos modernos, já discutidos nas escolas normais, mas não amplamente utilizados. Segundo os escolanovistas, a aprendizagem escolar não deveria ser vista como uma “transmissão” de saberes do professor para os alunos, e sim como uma construção, que teria como personagem principal os próprios alunos. (ZUCCI, 2009)

As escolas anarquistas foram outra tentativa de inovação nos métodos que surgiu nesse período. Criadas pelos sindicatos e associações de trabalhadores, na sua busca por alternativas ao sistema oficial de ensino utilizaram métodos que fugiam do tradicional. Baseadas na pedagogia de Ferrer e Guardia, propunham métodos diferenciados, onde as saídas e excursões eram utilizadas como métodos de aprendizagem.

O lançamento da revista francesa *Annales d'Historie Économique et Sociale*, em 1929, pelos historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre, foi o pontapé inicial para um movimento historiográfico que criticava o modelo tradicional da historiografia ligada à narrativa do acontecimento apenas de caráter político, militar e oficial (OLIVEIRA, ALMEIDA E FONSECA, 2009) A Escola dos Annales deu início a um novo modelo de historiografia, que passou a ser denominado Nova História e que passou a influenciar fortemente o trabalho de pesquisa e ensino da História nos principais centros acadêmicos do mundo todo, inclusive o ensino de História no Brasil. (BRODBECK, 2009). A Escola dos Annales reconheceu a

possibilidade do uso de “novas” fontes históricas, que até então não se pensava em usar, como cinema, literatura, música, fotografia entre outras.

No âmbito acadêmico a discussão a respeito da mudança de métodos, nos anos 1960 e 1970, tinha como preocupação maior desenvolver técnicas de ensino usando outros materiais além do livro didático, como jornais, revistas e textos históricos originais, iniciando a fase do tecnicismo educacional. Nessa fase, todas as atividades (leitura, excursão, trabalho em grupo, estudo dirigido) tinham sua técnica específica, embora o conteúdo fosse o mesmo. Já a Escola de Aplicação da USP ia à contramão dessa ideia e utilizava estudos do meio, audiovisuais, filmes e peças teatrais para estudos interdisciplinares, aliando assim renovação metodológica e mudança de conteúdo, além de repensar a função social e política da História.

Nos anos 90 começaram a surgir propostas de renovação curricular que procuravam atender à lógica de mercado, como também ocorria em outros países da América. Foi nesse período que foram criados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), baseados em pressupostos da psicologia da aprendizagem piagetiana e no construtivismo.

De acordo com os currículos mais recentes (BITTENCOURT, 2005:106):

*Os conteúdos escolares incluem, por exemplo, aprendizagem de novas linguagens, desde a norma culta da língua ao domínio do significado das imagens de revistas em quadrinhos, de propagandas ou de filmes. Em História, não se entende como apreensão de conteúdo apenas a capacidade dos alunos em dominar informações e conceitos de determinado período histórico, mas também a capacidade das crianças e jovens em fazer comparações com outras épocas, usando, por exemplo, dados resultantes da habilidade de leitura de tabelas, gráficos e mapas ou interpretação de textos.*

Esse entendimento está de acordo com as novas ideias entre os historiadores sobre o que é um documento histórico. Nas últimas décadas, a variedade de documentos utilizados pelos historiadores em suas investigações cresceu de maneira considerável, seguindo o que preconiza a História Nova, que ampliou o conceito de fontes em relação à historiografia positivista, bem como os métodos de abordagem a essas fontes. Agora também podem ser usados para estudos históricos (SOBANSKI, 2009: 27):

*as imagens – pinturas, esculturas, vídeos, histórias em quadrinhos, cartazes -, os artefatos arqueológicos, os relatos orais, as canções e novos tipos de documentos escritos – relatórios de investigação policial, cartas, poemas, diários íntimos ou públicos, jornais, etc. -. Dentre as novas abordagens, podem ser incluídos os porquês da produção de certos documentos em determinadas épocas ou mesmo a relação entre documentos de contextos espaços-temporais distintos.*

E de acordo com Abud (2005:310):

*As chamadas linguagens alternativas para o ensino de história mobilizam conceitos e processam símbolos culturais e sociais, mediante os quais apresentam certa imagem do mundo. Imagem esta que acarreta outras instâncias de referências, como comportamentos, moda, vocabulário. Elas provocam uma atividade psíquica intensa feita de seleções, de relações e com representações criadas e expressas por outras formas de linguagem. Donas de identidades próprias, as linguagens exigem uma proposta didática e instrumental adequada para sua exploração nas aulas de história.*

Nessa perspectiva, os PCNs propunham a incorporação dessas novas fontes de pesquisa histórica como metodologia de ensino, destacando entre eles a música, que será tratada neste artigo.

### **História Cultural e Música**

A ideia de cultura popular, assim como a História cultural, surgiu na Alemanha no final do século XVIII. Os intelectuais da época se interessavam pelas canções e contos populares, pelas danças, rituais e artes. No entanto a história da cultura popular só se tornou tema pra os historiadores acadêmicos a partir da década de 1960. (BURKE, 2005). Até hoje a música é um importante elemento da cultura popular, que revela os pensamentos, costumes e crenças de um povo, seus dilemas e anseios. De acordo com Oliveira, Almeida e Fonseca (2009:71) “os gêneros musicais dizem muito sobre a história de uma sociedade ou período (seu surgimento, o espaço que conquistou no campo artístico-cultural, a apropriação feita pelos grupos sociais, o espaço publico de suas realizações, origens, influencias que recebeu e exerce)”.

Para Chartier (1982:16) a História Cultural tem como objetivo principal “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Nessa perspectiva, a música, e mais especificamente a canção popular pode ser utilizada para identificar e discutir a realidade social de determinado período e lugar.

A música, sobretudo a chamada “música popular” ou canção popular, tem um papel de destaque na história sociocultural do Brasil. De acordo com Napolitano (2002:75):

*A música, no caso específico do Brasil, foi um ponto de fusão importante para os diversos valores culturais, estéticos e ideológicos que formam o grande mosaico chamado “cultura brasileira”. Ponto de encontro de etnias, religiões, ideologias, classes sociais, experiências diversas, ora complementares, ora conflitantes, a*

*música no Brasil foi mais que um veículo neutro de ideias. Ela forneceu os meios, as linguagens, os circuitos pelos quais os vários brasis se comunicaram.*

A canção popular é um produto da indústria fonográfica, que integra a indústria cultural. Surgiu como mercadoria para a cultura de massa como produto do capitalismo financeiro monopolista nos séculos XIX e XX. (AZAMBUJA, 2013)

A indústria fonográfica surge na segunda metade do século XIX com a invenção de máquinas de gravar e reproduzir sons. A primeira foi o fonógrafo, inventado por Thomas Young em 1857. Posteriormente Thomas Edison inventou o fonógrafo, em 1877. O fonógrafo foi aperfeiçoado por Emílio Berliner, um alemão emigrado para os Estados Unidos, inventando o gramofone em 1887. Foi a partir do gramofone que se tornou possível a distribuição da música de maneira comercial, já que possibilitava a prensagem de um grande número de cópias a partir de uma mesma matriz. No Brasil, o disco só chega em 1902, por meio de Fred Figner e sua Casa Edison. Foi ainda nesse ano a gravação da primeira canção no Brasil, “Isto é bom”, interpretada por Baiano.

Como dito anteriormente, a canção brasileira é uma fusão de etnias, encontro de classes e grupos socioculturais heterogêneos. A gênese da música urbana no Brasil, por exemplo, se deu entre fins do século XVIII e início do século XIX com a modinha e o lundu, fruto de uma mescla entre ritmos europeus e a dança trazida por escravos bantos.

A canção popular é um conjunto indissociável de letra, melodia, harmonia e timbre de seu intérprete. É impossível entendê-la corretamente se não forem analisados todas essas partes do conjunto. Os aspectos técnicos, tecnológicos e mercadológicos que levaram a sua criação também são de extrema importância, porque de acordo com Azambuja:

*Desde os primórdios até os dias atuais, tecnologia, técnica e mercadoria imprimem a sua lógica ao fundamentar todo o processo de produção fonográfica, desde a concepção e produção do produto em sua dupla e imbricada dimensão, material e artística, passando pela distribuição, circulação e difusão, até tornar-se ela mesma, uma mercadoria objeto de um consumo musical, subjetivo e simbólico (2013, p. 151)*

O uso da música como documento histórico ainda é recente. Apesar de a Escola dos Annales reconhecer, na década de 1930, a possibilidade do uso da música como fonte histórica, nesse período a relação entre História Cultural e Música não foi assunto de preocupação para os historiadores.

Um dos primeiros a se interessar pela História Cultural relacionada à cultura popular foi Eric Hobsbawn, com o livro História social do Jazz, publicado em 1959. No livro, Hobsbawn fazia observações a respeito da cultura popular, discutindo não apenas música, mas também o público e o protesto político e social relacionado ao jazz. (BURKE, 2005). Mas foi só a partir do final dos anos 1970 que a música popular se tomou um tema presente nos programas de pós-graduação brasileiros, e seguindo essa corrente se intensificaram também os estudos históricos tendo a música como fonte. Um dos pesquisadores que trabalhou com a temática na década de 1980 foi Napolitano, que trabalhava com a música como fonte histórica e como nova linguagem que poderia interagir no campo da política e da cultura.

### **Música e Ensino de História**

Se a música tem um papel tão importante na sociedade e se já vem sendo usada na pesquisa histórica, por que não integrar a música ao ensino, e especificamente ao ensino de História? Como explica, de maneira poética, Fonseca (2009:183):

*[...] músicas nos fazem lembrar a importância da história na vida e na luta de um povo, como algo vivo que acena, balança, ilumina, incendeia. Também atropela, abre novos espaços, risca novas trilhas, inventa outras tramas. A história não é algo abandonado, parado na beira de uma estrada ou em uma estação. A história é movimento, transformação, contradição, diferença. E também poesia.*

A indicação para o uso de música em aulas aparece no período da Escola Nova, que defendia a utilização de novos métodos de ensino, e foi incorporada nos Parâmetros Curriculares Nacionais, da década de 1990. No entanto, na maior parte das vezes ela tem sido usada de maneira ilustrativa, apenas como um complemento para a aula ou para introduzir uma temática a ser trabalhada.

Com a perspectiva da Nova História, que trouxe uma ampliação nas fontes para a pesquisa histórica, a música começou a ser entendida como mais uma rica fonte de conhecimento histórico. Por isso, os últimos anos a utilização da canção, seja como fonte para pesquisa histórica ou como recurso didático, tem crescido bastante. (SOBANSKI, 2012). Especialmente na produção acadêmica sobre História do Brasil, a música tem sido utilizada cada vez mais como fonte documental, principalmente sobre o período entre 1930 e 1980 e para discutir questões políticas. No entanto, as demais perspectivas aventadas pela Escola dos Annales para o estudo da História têm sido menos consideradas no que tange ao uso da música como fonte. Também ainda são poucas as pesquisas que relacionam ensino de História

e música. Nas salas de aula o uso da música como fonte tem chegado de forma ainda mais tímida.

A música, mais que uma ilustração, pode ser utilizada em aulas de história como uma fonte histórica que auxilia o aluno a construir o saber histórico. Pode mobilizar a competência do uso/tratamento de fonte, fazer cruzamento de informação, desenvolver a capacidade de análise, e assim fazer inferências sobre o passado. Ainda assim, quando há algum tipo de análise das letras, essa análise é feita numa perspectiva da História política ou econômica: músicas para trabalhar o conteúdo de Ditadura Militar brasileira, músicas para trabalhar o conteúdo industrialização.

Na maior parte das vezes, as canções utilizadas em sala de aula são de MPB, enquanto outros estilos e gêneros musicais são relegados. Apenas mais recentemente tem sido feitos estudos a respeito do uso da música sertaneja e do funk em sala de aula (CHAVES, 2006) No entanto, qualquer canção popular, ou até mesmo música erudita ou folclórica, pode ser apropriada como fonte histórica desde que sejam formuladas perguntas históricas coerentes e que haja disponibilidade de acesso às informações sobre o contexto em que ela foi produzida e divulgada.

Na primeira década do século XXI o uso da canção como fonte de pesquisa e como uso didático cresceu. Apesar disso, historiadores tem utilizado a letra da canção para analisá-la como documento verbal, esquecendo-se que ela envolve uma linguagem específica, a musical, que é carregada de sentido. (AZAMBUJA, 2013) “Entender as relações entre letra e música na construção dos significados das canções tem sido um dos principais desafios dos pesquisadores, desde que a canção tornou-se objeto de estudo na área das ciências humanas.” (NAPOLITANO, 2002:62) Chama esse foco na análise das letras das canções por parte dos historiadores de “vícios” fragmentam um objeto sociológica e culturalmente complexo. Não é possível analisar letra separada de música ou contexto separado de obra.

Isso porque, como diz Napolitano (2002:55):

*Palavras e frases que ditas podem ter um tipo de apelo ou significado no ouvinte, quando cantadas ganham outro completamente diferente, dependendo da altura, da duração, do timbre e ornamentos vocais, do contraponto instrumental, do pulso e do ataque rítmico, entre outros elementos.*

Mesmo sem conhecimento técnico, o ouvinte de música popular possui dispositivos, alguns inconscientes, para dialogar com a música. Sendo assim, é importante analisar tanto os

parâmetros verbo-poéticos: os motivos, as categorias simbólicas, as figuras de linguagem, os procedimentos poéticos como os parâmetros musicais de criação (harmonia, melodia, ritmo) e interpretação (arranjo, coloração timbrística, vocalização etc.). É necessário evitar as simplificações e mecanicismos analíticos que podem deturpar a natureza polissêmica e complexa da música.

Também é importante identificar qual gravação específica se quer analisar, já que uma canção pode ter várias versões historicamente datadas, qual veículo tornou a canção famosa (rádio, televisão, cinema, internet), para qual audiência ela foi produzida, em que período foi produzida, a performance cênico musical do cantor e a performance interpretativa dos músicos. Tudo isso nos ajuda a entender a história dessa canção e sua influencia na cultura e na sociedade.

Azambuja sugere que se faça uma tripla abordagem histórica da canção, trabalhando “a historicidade das condições de produção, a representação da temática histórica e a contextualização na história do grupo e do movimento. Em outras palavras, a história da canção, a história na canção e a canção na história” (2013:67).

Para Napolitano (2002:53):

*O grande desafio de todo pesquisador em música popular é mapear as camadas de sentido embutidas numa obra musical, bem como suas formas de inserção na sociedade e na história, evitando, ao mesmo tempo, as simplificações e mecanicismos analíticos que podem deturpar a natureza polissêmica (que possui vários sentidos) e complexa de qualquer documento de natureza estética.*

Então, como a canção popular poderia ser utilizada nas aulas de História? Apresento aqui apenas uma maneira. O professor pode, junto com os alunos, fazer um exercício de análise da música como fonte histórica. Para iniciar esse trabalho, é importante a audição da música, num primeiro momento uma audição livre, e depois tentando fazer uma leitura mais específica. Como é o timbre do cantor? Que instrumentos estão sendo usados? Qual é o ritmo ou estilo musical? Que sensação te transmitem a melodia, os instrumentos e a interpretação do cantor? Percebe-se que não é necessário, para fazer essa apreciação musical, que o professor seja conhecedor da estrutura musical, mas é claro que, caso seja possível, uma atividade interdisciplinar contribuiria para o aprofundamento da análise.

Em seguida, é necessária a análise da letra. Após uma lida atenta, o professor deve dizer quem é o autor, quando a música foi produzida e o contexto histórico em que ela está inserida, para o que os alunos percebam como a sociedade se revela na música. Então,

novamente em conjunto, a turma pode responder: quem é o eu lírico? Que história é contada? O que essa letra revela sobre a cultura, os costumes e a vida da comunidade onde foi produzida? Se for uma música antiga, ainda se pode comparar o modo de vida daquela época com o atual.

Como último passo, tendo sido analisadas profundamente tanto letra como melodia e harmonia, é hora de analisar o conjunto. A maneira como a música é tocada e cantada expressa bem o significado da letra, ou esse significado poderia ficar mais evidente em outro estilo musical? A música alcançou grande repercussão na sociedade? Por quê? Ela influenciou de alguma maneira a vida das pessoas?

Tendo sido feito esse exercício, os alunos poderão, em pequenos grupos, escolher uma canção para que eles próprios façam a análise, seguindo o passo a passo que viram na sala de aula, e posteriormente apresentar seus resultados para os demais.

Dessa maneira, ao utilizar a música como um exercício de análise de fonte histórica, poderá fazer com que o aluno se sinta um produtor de conhecimento, e não apenas um receptor, aumentando a sua autoestima. Ao mesmo tempo, estará indo além do modelo tradicional da historiografia ligada à narrativa do acontecimento e caráter político, militar e oficial e poderá contribuir para seu aprendizado histórico, ao desenvolver a capacidade de análise, de fazer inferências sobre o passado e ao conhecer o que é História e como ela é produzida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, Kátia M. Registro e Representação do Cotidiano: A Música Popular na Aula de História. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 309-317, set./dez. 2005

AZAMBUJA, L. *Jovens alunos e aprendizagem histórica: perspectivas a partir da canção popular*. 2013. 500f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Paraná. 2013.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2005.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações**. Algás: DIFEL, 1982.

CHAVES, E. *A música caipira em aulas de História: questões e possibilidades*. Curitiba, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Paraná, Paraná. 2006.

FONSECA, Selva. **Fazer e ensinar história**: anos iniciais do ensino fundamental. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. **História & Música**: História Cultural da Música Popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

OLIVEIRA, Regina; ALMEIDA, Vanusia; FONSECA, Vitória. **História**: a reflexão e a prática no ensino. São Paulo. Blucher, 2012.

SOBANSKI, Adriane; CHAVES, Edilson; BERTOLINI, João; FRONZA, Marcelo. **Ensinar e aprender História**: Histórias em quadrinhos e canções. Curitiba: Base Editorial, 2012.

ZUCCI, Bianca. **O ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental**: teoria, conceitos e uso de fontes. São Paulo: Edições SM, 2012.